



V CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO
V INTERNATIONAL CONFERENCE ON ONLINE JOURNALISM

24-25 Novembro 2016

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Livro de Atas – Maio 2017

Proceedings – May 2017

Ana Isabel Reis, Fernando Zamith, Helder Bastos, Pedro Jerónimo, (org.)

Observatório do Ciberjornalismo (ObCiber)

Livro de Atas **V CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIBERJORNALISMO**
Maio 2017

Proceedings **V INTERNATIONAL CONFERENCE ON ONLINE JOURNALISM**
May 2017

Ana Isabel Reis, Fernando Zamith, Helder Bastos, Pedro Jerónimo (org.)
Observatório do Ciberjornalismo (ObCiber)
Porto
ISBN: 978-989-98199-2-4

Índice

Os ciberjornalistas portugueses em 2016: Uma aproximação a práticas e papéis
Helder Bastos

Cibermeios portugueses: 10 anos de lenta evolução

Fernando Zamith

Universidade do Porto/Faculdade de Letras

fzamith@letras.up.pt



Resumo

Vinte anos depois da chegada do jornalismo à Internet, seria de esperar que os cibermeios (sites noticiosos/jornalísticos) portugueses estivessem todos na terceira fase ou, pelo menos, na segunda das três fases de evolução do ciberjornalismo preconizadas por Pavlik (2001). Mas não é isso que tem acontecido. A evolução do ciberjornalismo português tem sido bastante mais lenta, especialmente quando observamos e analisamos o que se passa e o que se apresenta nas páginas dos órgãos de comunicação social na Internet.

Neste artigo apresenta-se os resultados de um estudo do aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet por vinte cibermeios portugueses de informação geral e de âmbito nacional, a partir de dados recolhidos em novembro de 2016. O instrumento metodológico utilizado foi o mesmo do estudo diacrónico realizado anualmente entre 2006 e 2010 (Zamith, 2011), o que permitiu extrair algumas conclusões sobre a evolução dos cibermeios portugueses nos últimos dez anos.

Conclui-se que o moderado crescimento do aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet pelos cibermeios generalistas nacionais portugueses entre 2006 (23,3%) e 2010 (39%) não manteve a mesma linha nos anos seguintes, com o resultado de 2016 (39,8%) a indiciar mesmo uma certa estagnação.

Os cibermeios analisados estão, na generalidade, na segunda fase de evolução do ciberjornalismo, com aproveitamento de algumas das potencialidades do meio, mas ainda há casos de mera transposição de conteúdos para a Internet, o chamado *shovelware* característico da primeira fase.

A dinâmica do ciberjornalismo português, com várias entradas e saídas de títulos nestes dez anos, a crise que atravessa todo o jornalismo e a dificuldade em encontrar um modelo de negócio sólido que sustente a atividade podem ajudar a explicar estes resultados. Paralelamente, é de admitir que a grelha de análise utilizada necessite de uma nova revisão (foi feita apenas uma, em 2009),

atendendo à evolução da tecnologia e das práticas comunicativas sentida nos últimos anos, mas não é de esperar resultados muito diferentes.

Palavras-chave: ciberjornalismo; cibermeios portugueses; evolução; potencialidades jornalísticas

Abstract

Twenty years after the arrival of journalism on the Internet, we could expect that the Portuguese cybermedia (news sites / journalism sites) would be in the third phase or, at least, the second of the three cyberjournalism evolution stages advocated by Pavlik (2001). But that is not what has happened. The evolution of Portuguese online journalism has been much slower, especially when we observe and analyze what is happening and what is presented in the pages of the media on the Internet.

In this article we present the results of a study of the use of the journalistic potential of the Internet by twenty Portuguese online media of general information and of national scope, from data collected in November 2016. The methodological tool used was the same of the diachronic study carried out Annually by the author between 2006 and 2010 (Zamith, 2011), which allowed us to draw some conclusions about the evolution of Portuguese cybermedia in the last ten years.

It is concluded that the moderate growth of the use of the journalistic potential of the Internet between 2006 (23.3%) and 2010 (39%) did not keep the same line in the following years, with the result of 2016 (39.8%) to even indicate a certain stagnation.

The analyzed online media are generally in the second phase of evolution of cyberjournalism, taking advantage of some of the potential of the medium, but there are still cases of mere transposition of content to the Internet, the so-called shovelware characteristic of the first phase.

The dynamics of Portuguese cyberjournalism, with several entries and exits of titles in these ten years, the crisis that crosses all journalism and the difficulty in finding a solid business model that supports the activity can help explain these results. At the same time, it is necessary to admit that the analysis grid used needs a new revision (only one was made in 2009), given the evolution of technology and communicative practices registered in recent years.

Keywords: online journalism; evolution; Portuguese online media; journalistic potentialities

Introdução

Pavlik (2001) antecipou a evolução do ciberjornalismo na Internet em três fases: a primeira de mero *shovelware* (transposição de conteúdos do meio original para a Internet, sem alteração substancial); a segunda de algum aproveitamento das principais potencialidades do meio, como a interatividade, o hipertexto e a multimédia; e a terceira de produção de conteúdos especificamente para a Internet, aproveitando a generalidade das suas características relevantes para o jornalismo. Vinte anos depois da chegada do jornalismo à Internet, seria de esperar que os cibermeios (sites noticiosos/jornalísticos) portugueses estivessem todos na terceira fase ou, pelo menos, na segunda. Mas não é isso que tem acontecido. A evolução do ciberjornalismo português tem sido bastante mais lenta, especialmente quando observamos e analisamos o que se passa e o que se apresenta nas páginas dos órgãos de comunicação social na Internet.

Neste artigo apresenta-se os resultados de um estudo do aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet por vinte cibermeios portugueses de informação geral e de âmbito nacional, a partir de dados recolhidos em novembro de 2016. O instrumento metodológico utilizado foi o mesmo do estudo diacrónico realizado anualmente entre 2006 e 2010 (Zamith, 2011: 88-112), também sempre em novembro, o que permitiu extrair algumas conclusões sobre a evolução dos cibermeios portugueses nos últimos dez anos.

O universo do estudo foram todos os sites jornalísticos portugueses de informação geral e de âmbito nacional detetados em atividade em novembro de 2016. Foram excluídos do estudo sites com características predominantes de agregação, redifusão ou distribuição de conteúdos produzidos por outros meios, como o Notícias ao Minuto (<https://www.noticiasao minuto.com/>), PT Jornal (<http://ptjornal.com/>), AEIOU (<http://www.aeiou.pt/>), Sapo (<http://www.sapo.pt/>) e Retador (<https://redator.pt/>), e destinados prioritariamente a comunidades portuguesas no estrangeiro, como o Mundo Português (<http://www.mundoportugues.org/>) e o Luso Notícias (<https://www.lusonoticias.com/>).

Relativamente ao estudo anterior, em 2010, saíram da análise os sites Portugal Diário, 24 Horas, Actualidades, Metro, Jornal Digital e TV Net, que entretanto deixaram de publicar. A única entrada foi do Observador (<http://observador.pt/>). Pouco mais de um mês depois da recolha de dados, o Diário Digital também fechou. O universo de cibermeios analisados em 2016 foi o mais baixo de sempre. Em 2006, foram analisados 22 cibermeios, nos dois anos seguintes 27, em 2009 registou-se o número mais alto, 29, e em 2010 foram 25 os cibermeios incluídos no estudo.

Foi utilizada a grelha de análise e respetivos critérios de aplicação (*codebook*) revistos em 2009 (Zamith, 2011: 88-112), com o alargamento dos indicadores de ubiquidade introduzido em 2013 (Zamith *et al*, 2014: 259). Optou-se por manter o mesmo instrumento de análise, uma vez que no pré-teste, feito dias antes, se constatou que não havia aproveitamentos inovadores em quantidade e frequência que justificassem uma nova revisão.

Resultados

O principal dado resultante do estudo indica que o aproveitamento médio das potencialidades da Internet pelos cibermeios portugueses de informação geral e de âmbito nacional foi em 2016 o mais alto de sempre (39,8%) (Gráfico 1), mas muito pouco acima do registado em 2010 (39%), o que indicia uma provável estagnação ao longo dos últimos seis anos.

Contudo, esta leitura não é tão simples quanto isso, se atendermos a vários fatores, desde logo ao resultado obtido pelo Observador (63%) (Gráfico 2), o mais alto de sempre na aplicação da grelha a cibermeios portugueses (o anterior máximo - 61% - foi obtido pelo Jornal de Notícias em 2010). Com este resultado, o único cibermeio que se estreou no estudo em 2016 conseguiu disfarçar a queda quase generalizada verificada na comparação entre os dois últimos anos analisados. Efetivamente, como se pode constatar nos gráficos 3 e 4, apenas três sites, de dois títulos da Cofina (Sábado e Correio da Manhã) e da Lusa, registaram subidas entre 2010 e 2016, com realce para a Sábado, que obteve mais 15 pontos percentuais. O Destak repetiu a pontuação obtida seis anos antes e todos os restantes 15 cibermeios ficaram abaixo do resultado de 2010, com o i a registar a maior descida, de 21 pontos percentuais.

Também a saída de títulos habitualmente mal pontuados, como o 24 Horas, Actualidades e Metro, teve influência na média final.

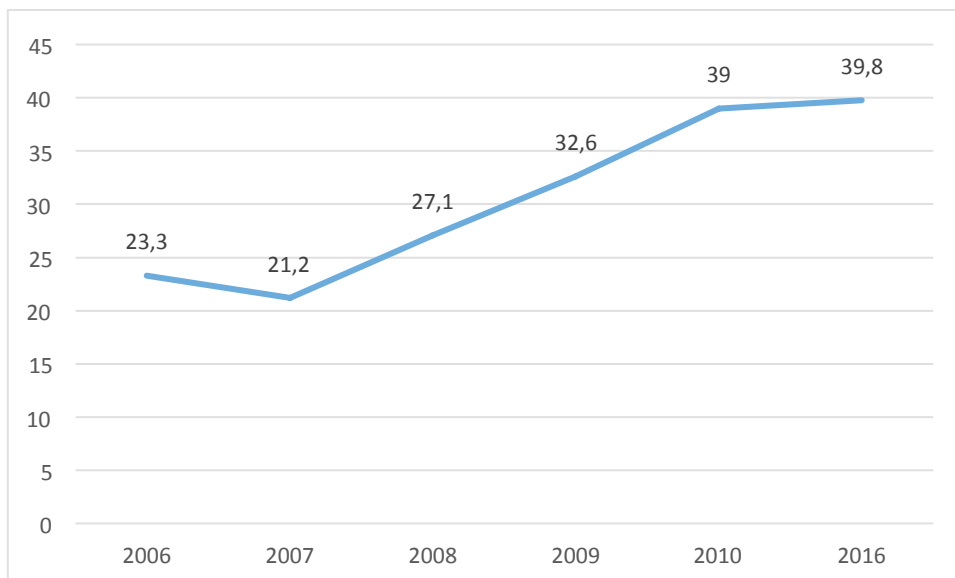


Gráfico 1: Aproveitamento percentual médio das potencialidades jornalísticas da Internet pelos cibermeios generalistas nacionais portugueses entre 2006 e 2016

Comparando as médias de aproveitamento das seis aplicações da grelha (Gráfico 1), verificamos uma subida constante desde 2007, pelo que podemos afirmar que atualmente o ciberjornalismo português consegue tirar melhor proveito das vantagens da Internet do que há dez anos, mas ainda tem uma grande margem de evolução. Dos 16 cibermeios que se mantêm no estudo desde o início, 15 melhoraram a sua pontuação e apenas a SIC regressou ao nível de 2006 (32%), depois de em 2009 ter estado acima dos 50 por cento.

Analisando por cibermeio (Gráfico 2), foi sem surpresa que o Observador entrou diretamente para o primeiro lugar, se tivermos em conta que tem a maior redação online do país (com mais de 40 jornalistas) e que apostou fortemente na formação inicial especializada, tendo incluído na equipa de formadores um dos mais conceituados especialistas portugueses em ciberjornalismo/webjornalismo, o Professor João Canavilhas, da Universidade da Beira Interior.

O Observador obteve os melhores resultados entre os 20 cibermeios em hipertextualidade, multimedialidade, personalização e criatividade/outras aproveitamentos (aqui ex-áqueo com o Público e a Sábado).

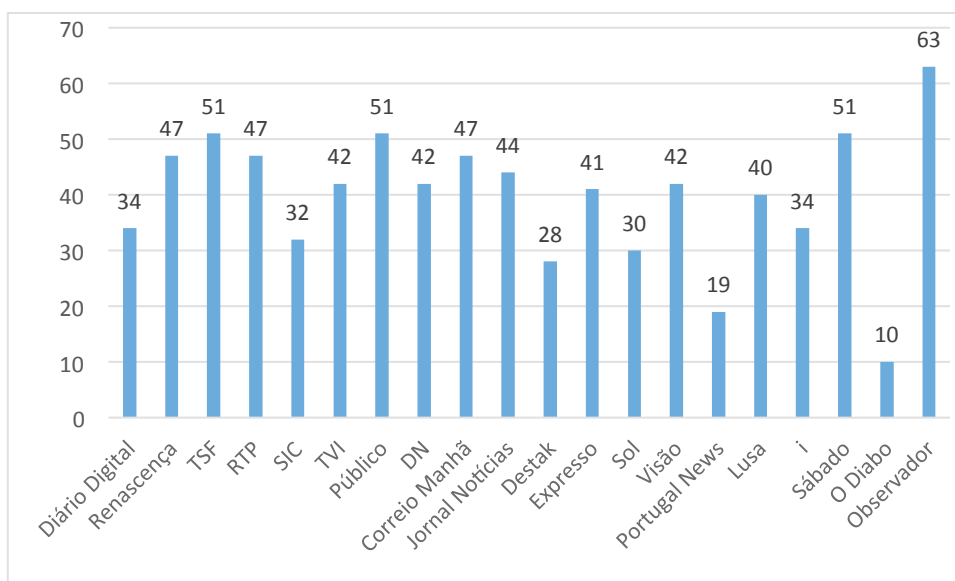


Gráfico 2: Aproveitamento percentual das potencialidades jornalísticas da Internet pelos cibermeios generalistas nacionais portugueses em novembro de 2016

A uma grande distância (12 pontos percentuais), ficaram os três restantes títulos que conseguiram passar a fasquia dos 50 por cento: TSF, Público e Sábado (todos com 51%). A TSF obteve a pontuação mais alta do estudo em interatividade. Em ubiquidade, como habitualmente, o mais pontuado foi o site da Lusa, e em instantaneidade foi o do Jornal de Notícias, enquanto em memória os mais pontuados foram a Sábado e o Diário de Notícias.

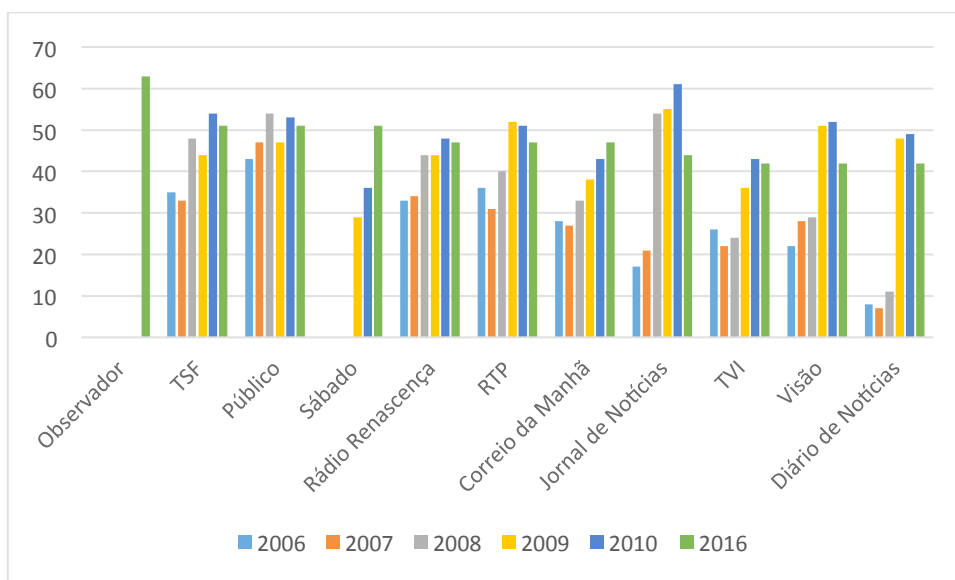


Gráfico 3: Aproveitamento percentual das potencialidades jornalísticas da Internet pelos cibermeios generalistas nacionais portugueses entre 2006 e 2016 (parte 1)

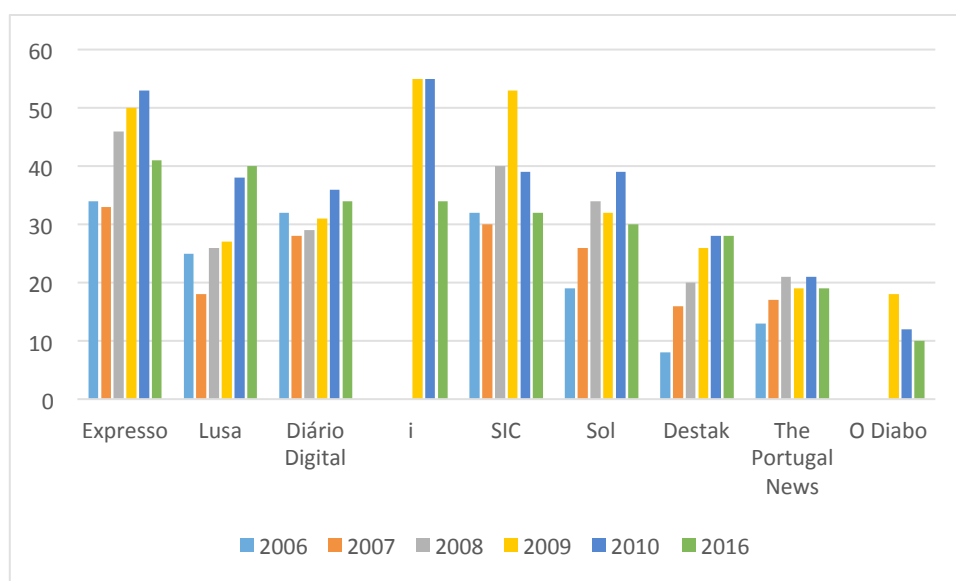


Gráfico 4: Aproveitamento percentual das potencialidades jornalísticas da Internet pelos cibermeios generalistas nacionais portugueses entre 2006 e 2016 (parte 2)

Comparando com os resultados obtidos na aplicação da mesma grelha em 2013 a uma amostra de cibermeios lusófonos (Zamith *et al*, 2014: 275), verificamos que não se registaram oscilações significativas nos três sites comuns aos dois estudos. O Público perdeu cinco pontos percentuais, a Renascença ganhou dois e a RTP manteve o valor alcançado três anos antes.

Analisando por potencialidade (Gráfico 5), verificamos que a memória voltou a ser a mais aproveitada, e agora com um valor recorde de 56,3 por cento. Significativa para este resultado foi a utilização de *tags* (etiquetas/marcadores) por 75 por cento dos cibermeios, ainda que apenas seis dos 20 sites o fizessem de forma sistemática, em todas as notícias. Na disponibilização do arquivo, registou-se um retrocesso, com somente cinco cibermeios a permitirem a consulta do arquivo global organizado por datas e categorias. Um sinal positivo foi a deteção de fontes documentais (todas elas por hiperligação embutida no texto) em oito dos 20 cibermeios. Como exemplo, passou a ser comum para alguns sites analisados a colocação de imagens de *tweets* (com hiperligações para a rede social de microblogs Twitter) comprovativos de revelações ou posições assumidas por políticos ou outras figuras públicas.

A instantaneidade (45,7%) surge em 2016 como a segunda potencialidade mais aproveitada, mas foi a única que perdeu terreno face a 2006, o que poderá querer dizer que estar constantemente a atualizar o site – e particularmente a manchete – já não é a primeira prioridade. The Portugal News e O Diabo não atualizaram o site durante todo o dia de observação, o que demonstra que continuam a ter práticas de *shovelware*, limitando-se a colocar na Internet semanalmente algumas das

notícias da edição em papel. Em 60 por cento dos cibermeios foram encontrados artigos referenciados como estando em atualização e em 45 por cento havia conteúdos em atualização permanente (maioritariamente em sites de rádios e de televisões). Apenas dois dos cibermeios (Sol e O Diabo) não mencionavam a data e hora dos artigos.

A terceira e última potencialidade acima dos 40 por cento é a multimedialidade (com 41,3%), que, contudo, não cresceu relativamente a 2010. A aposta principal continua a ser o vídeo, presente em 90 por cento dos sites (as exceções foram, mais uma vez, o The Portugal News e O Diabo), em claro contraste com o áudio sem imagem, encontrado em apenas sete cibermeios. Treze sites apresentavam infografias, mas só em dois deles (Expresso e Observador) eram simultaneamente dinâmicas e recentes. O hipermédia cresceu ligeiramente em relação a 2010, com predomínio das hiperligações intratextuais a vídeo.

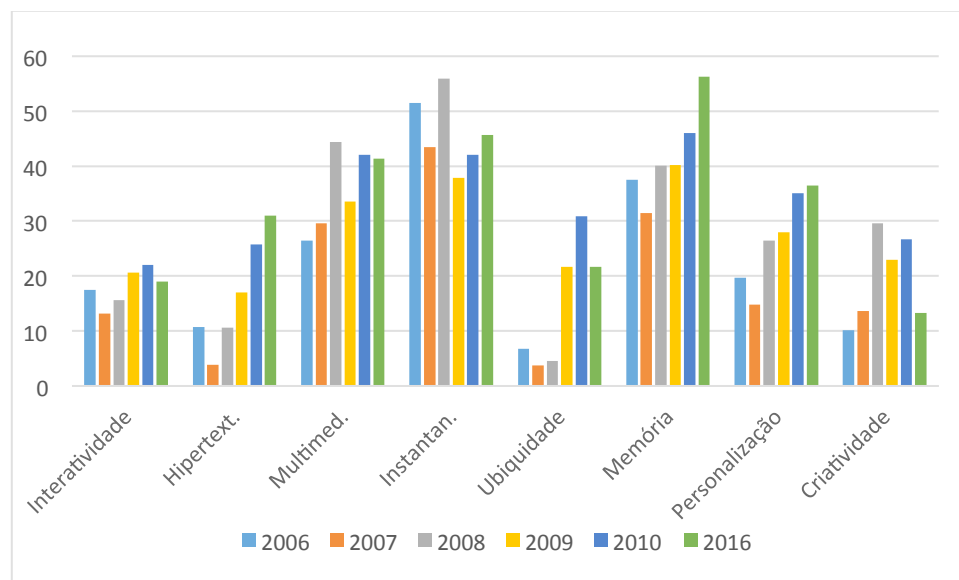


Gráfico 5: Aproveitamento percentual das potencialidades jornalísticas da Internet pelos cibermeios generalistas nacionais portugueses entre 2006 e 2016

A personalização (tal como a memória e a hipertextualidade) registou o seu melhor resultado de sempre (36,5%). O Diário Digital foi o único cibermeio analisado sem apontador para canal ou formato diferenciado interno ou externo. Todos os outros tinham, pelo menos, uma página ativa no Facebook e/ou no Twitter. O modo de personalização mais presente (em 12 cibermeios) foram as chamadas notificações, fornecidas invariavelmente pela empresa OneSignal (<https://onesignal.com/>). Estas notificações vieram substituir os anteriores serviços de envio de alertas de novo noticiário, com visualização direta no monitor do computador sem necessidade de abrir o browser, já classificados como item autónomo na grelha de análise. Quinze

sites disponibilizavam serviço de newsletter e onze divulgavam código RSS ou similar para aceder a novas notícias fora do cibermeio.

A hipertextualidade (31%) ultrapassou pela primeira vez a fasquia dos 30 por cento, um dos feitos mais relevantes registados neste estudo de 2016, comprovativo de que, finalmente, os cibermeios (e os ciberjornalistas) portugueses perceberam que esta é uma das grandes vantagens da Internet quando comparada com os meios tradicionais. A utilização de hipertexto cresceu, sobretudo, nas hiperligações para vídeos e artigos relacionados e para fontes documentais originais, a par da associação de *tags* aos conteúdos publicados. Os tipos de hipertexto menos encontrados foram os *links* para cronologia do assunto tratado (apenas na Lusa), para canal ou dispositivo de participação (apenas na TSF) e para infografia (apenas na Lusa e no Observador).

A ubiquidade regressou ao nível de 2009 (21,7%), valor sustentado, sobretudo, pelo noticiário internacional recente (só O Diabo não tinha o mínimo de seis artigos), pela publicação de novo noticiário de madrugada (13 cibermeios) e pela adaptação de conteúdos jornalísticos a diferentes suportes (12 cibermeios). A Lusa era o único cibermeio que apresentava relógios em diferentes fusos horários, notícias em duas línguas (português e inglês) e conteúdos para vários países.

Das sete potencialidades, a interatividade é novamente a menos aproveitada, com um valor médio (19%) três pontos percentuais abaixo do melhor que conseguiu, em 2010. Ou seja, dez anos depois, os cibermeios portugueses continuam a desvalorizar, e nalguns casos mesmo a desprezar e a desincentivar, a interação com os seus visitantes e utilizadores, teimando em manter-se numa posição tradicional de meios de comunicação de massas, de um para muitos, e não de comunicação em dois sentidos, no duplo papel de emissores e recetores. Os canais de comunicação instantânea (*chat* ou *instant messaging*) desapareceram por completo, assim como as páginas e outros espaços de participação que foram moda entre 2008 e 2010 ("Cidadão Repórter", "Comunidade" ou "Jornalismo Cidadão"). Apenas nos sites da TVI e do Correio da Manhã foram encontrados conteúdos enviados pelos utilizadores. Os fóruns de discussão ficaram confinados à versão online do Fórum TSF.

Todas estas alterações de práticas levam-nos a equacionar mudanças na grelha de análise e no respetivo *codebook*, passando a valorizar (mais) outras eventuais práticas interativas, mas a verdade é que elas não existem. Ou seja, os resultados da aplicação dessa nova grelha não seriam muito diferentes. Prova disso é o facto de apenas terem sido encontrados usos de dois modos de interação sem item próprio na grelha, ambos pontuados em criatividade. Foram os casos dos botões "Corrigir", no Público, e "Sugira", no Observador. O modo de interação mais

popular continua a ser a caixa de comentários (só a TVI, o Expresso e a Lusa não tinham), mas quase todos os cibermeios passaram a exigir registo prévio do comentador, nalguns casos para a área interna do site e na maioria para o serviço Disqus (<https://disqus.com/>) ou para a conta do utilizador numa rede social, como o Facebook ou o Twitter. Sintomática continua a ser a persistência dos cibermeios em não disponibilizar emails ou formulários de contacto com os jornalistas. Só quatro cibermeios (Renascença, Público, Sábado e Observador) apresentavam a lista completa de contactos da redação e outros cinco cibermeios apenas parte dos emails dos jornalistas. Junto às notícias/artigos, só foram encontrados sistematicamente os emails dos autores em dois cibermeios (Público e Observador) e pontualmente em cinco outros sites.

A área de criatividade, destinada a pontuar outros aproveitamentos não previstos na restante grelha, foi preenchida em apenas 13,3 por cento da sua capacidade, o valor mais baixo desde 2006, o que ajuda a demonstrar a tese aqui defendida de que a evolução dos cibermeios portugueses foi escassa e lenta nestes dez anos. Apenas cinco cibermeios pontuaram nesta área, num total de oito aproveitamentos criativos. A maior parte dos aproveitamentos são classificáveis como modos de personalização: a RTP apresentava um serviço de “Ouvir notícias” (pontuável também como multimédia), o The Portugal News permitia “folhear” a edição do jornal, e a Sábado possibilitava subscrever alertas sobre assuntos relacionados com a notícia e etiquetados com *tags*, além de permitir guardar notícias, algo também disponibilizado pelo Público e também pontuável como memória. Os “Explicadores” do Observador foram também pontuados como criatividade e correspondem a bons aproveitamentos de duas importantes potencialidades jornalísticas da Internet, a hipertextualidade e a memória.

Conclusões

Conclui-se que o moderado crescimento do aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet pelos cibermeios generalistas nacionais portugueses entre 2006 (23,3%) e 2010 (39%) não manteve a mesma linha nos anos seguintes, com o resultado de 2016 (39,8%) a indiciar mesmo uma certa estagnação.

Os cibermeios analisados estão, na generalidade, na segunda fase de evolução do ciberjornalismo, a tirar proveito de algumas das potencialidades do meio, mas ainda há casos de mera transposição de conteúdos para a Internet, o chamado *shovelware* característico da primeira fase.

A dinâmica do ciberjornalismo português, com várias entradas e saídas de títulos nestes dez anos, a crise que atravessa todo o jornalismo e a dificuldade em

encontrar um modelo de negócio sólido que sustente a atividade podem ajudar a explicar estes resultados. Paralelamente, é de admitir que a grelha de análise utilizada necessite de uma nova revisão (foi feita apenas uma, em 2009), atendendo à evolução da tecnologia e das práticas comunicativas registada nos últimos anos, mas os escassos aproveitamentos criativos detetados em 2016 demonstram que o “problema” não está no instrumento de análise, mas sim no comportamento generalizado dos cibermeios.

A interatividade continua a ser uma promessa adiada, no que diz respeito aos cibermeios portugueses, ao voltar a ser a potencialidade menos aproveitada, com um resultado médio abaixo dos 20 por cento. A subida da hipertextualidade, pela primeira vez acima dos 30 por cento, foi a “boa notícia” da aplicação da grelha em 2016, ainda que em grande parte resultante do “efeito Observador”, a única entrada nova do estudo, e logo para a liderança, com um valor recorde de 63 por cento de aproveitamento. A multimedialidade e a instantaneidade mantiveram-se acima dos 40 por cento e a memória e a personalização voltaram a subir, a primeira para um valor já próximo dos 60 por cento. O aproveitamento da ubiquidade caiu de novo, para pouco mais de 20 por cento, o que demonstra que os cibermeios portugueses teimam em ser... portugueses e não globais, ao contrário do que fazem, por exemplo, muitos dos sites jornalísticos norte-americanos, britânicos e espanhóis.

O desaparecimento de seis cibermeios nos últimos seis anos, entre os quais os históricos Portugal Diário e Jornal Digital (a que se juntou mais tarde o Diário Digital), compensado pela chegada de apenas um novo título, Observador, é outro dos dados relevantes deste estudo.

O bom resultado obtido pelo Observador teve também um efeito importante na média final, conseguindo disfarçar a queda ocorrida entre 2010 e 2016 em 15 dos restantes 19 sites analisados.

Contudo, comparando os dados dos dois anos extremos, concluímos que nestes dez anos houve um crescimento generalizado do aproveitamento das potencialidades jornalísticas da Internet. Dos 16 cibermeios que se mantêm no estudo desde o início, 15 melhoraram a sua pontuação e um repetiu o resultado de 2006.

Referências

- Pavlik, J. V. (2001) Journalism and New Media, New York: Columbia University Press.
- Zamith, F. *et al.* (2014) "Ciberjornalismo na Lusofonia: Contributo para um mapeamento", in Moisés de Lemos Martins, Rosa Cabecinhas, Lurdes Macedo & Isabel Macedo (eds.) (2014) Interfaces da Lusofonia, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho. ISBN 978-989-8600-21-9, pp. 257-276.
https://www.academia.edu/6966921/Ciberjornalismo_na_lusofonia_Contributo_para_um_mapeamento.
- Zamith, F. (2011) A Contextualização no Ciberjornalismo, tese de doutoramento, Repositório Aberto da Universidade do Porto, <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/57280>.